



ROLLAND

o clarim que tocou á carga em Sidi-Brahim e que aos 92 annos acaba de ser promovido a official da Legião d'Honra

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acréscce o importe das despesas.	
Numero avulso	60

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, aparelhos,
produçtos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição

dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente,
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR
MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Collegio Povoense FUNDADO EM 1907

Pensão annual — 120\$000 reis

POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL

Estabelecimento
modelar,
optima installação,
clima maritimo
saluberrimo



Lecciona
instrução primaria,
curso geral
dos Lyceus e curso
commercial

Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR

P.^e Manoel R. Pontes



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Ferreira Villela,

Director, F. de Sousa Gomes Velloso,

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

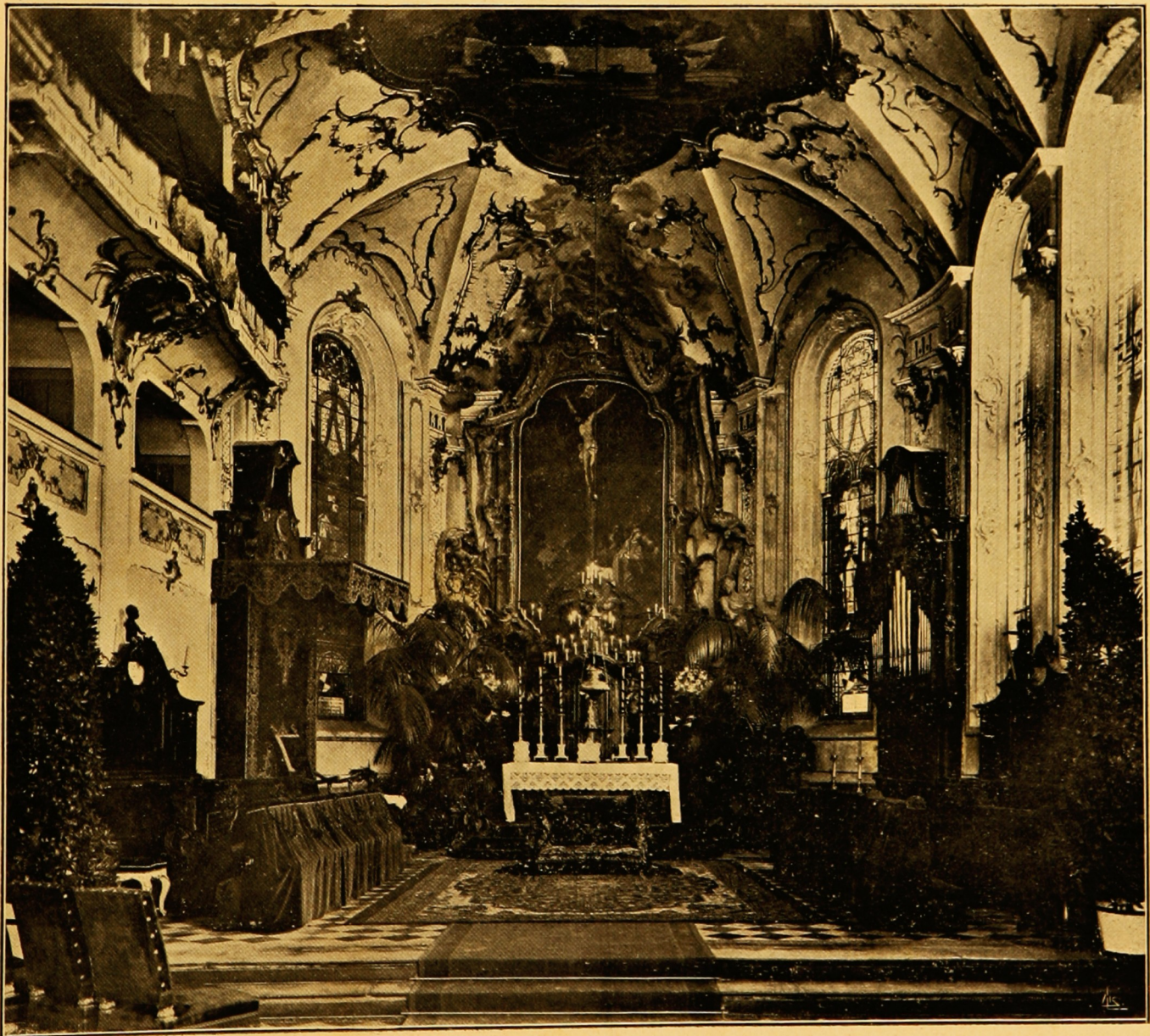
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de setembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 12 — Anno I



Interior do templo do castello de Sigmarigen, onde se realisou o consorcio do Senhor D. Manuel com a Princesa Augusta Victoria.

(Cliché do sr. W. Njederastroth da firma Selle & Huntse, de Potsdam, phot. das casas reaes e imperiaes allemãs, enviado directamente para a «Ill. Cath.»)

Chronica da semana

XII

NUNCA, desde o advento da Republica, foi tão violenta, tão fulminante, a campanha da opposição monarchica na imprensa.

Não é uma manifestação de desespero, mas uma liberdade que se vae conquistando, na retravada lucta, uma valvula que se abre sobre pressão elevadissima.

Eu quero acreditar que nos ultimos dez annos, não houve em Portugal uma campanha semelhante, assim como não receio afirmar que a audacia desorganizadora dos governos republicanos, e sobretudo do actual, constitue um exemplo de tenacidade quasi sem precedentes. Tenacidade do orgulhoso, do ambicioso, do megalomano — se quizerem; mas tenacidade, mão de ferro, audacia, no cumprimento pleno d'um programma politico, na sua imposição brutal á consciencia d'um paiz apavorado.

Mais tarde, quando a historia vincar o seu definitivo juizo sobre esta crise suprema da vida portugueza, será esta a grandiosa licção a aprender.

Vexar quando não ha resistencia, é relativamente facil, mas gargalhar quando o inimigo não perde um golpe, e continuar, e teimar no arbitrio, na illegalidade, como se as criticas não colhessem, representa incontestavelmente uma apreciavel qualidade, dentro de certos limites, é bem de vêr...

Quer no periodo da dictadura de Franco como nos fatidicos mezes do ministerio Teixeira de Souza, a opposição e o combate deram-se apenas a dentro das parcialidades partidarias: um governo contra um *bloco*, um *bloco* contra um governo.

Hoje, não é assim. As opposições republicanas não honram o seu titulo. Parecem antes sentinellas do poder, aguardando a subida dos alcatruzes.

Partido monarchico não existe — mais, não pôde, nem deve existir.

De sorte que a guerra dá-se directamente entre o governo do snr. Affonso Costa e o paiz.

Porque é este o aspecto inedito da campanha opposicionista de que o *Dia* e a *Nação* são orientadores e arautos, mas que perdurará embora estes dois jornaes caiam na arena sob o cutello da censura ou da suspensão.

A principio, ella foi dispare, não havia logica no ataque, se bem que o inimigo fosse o mesmo. Dentro em breve, porém, revela-se uma ordenação nas fileiras, o fogo é mais bravo e impiedoso, e opera-se o contacto entre a opinião publica e os órgãos de opposição.

E a grande verdade é que, como por mais de uma vez o teem confessado os proprios jornalistas do regime, existe hoje em Portugal, se não uma *opinião* ou uma *convicção* monarchica, uma corrente que deseja a restauração depois de se desilludir a beneficios do systema republicano.

Quaes os fautores d'esta situação?

Não nos enganemos: não foram só os desmandados do alto que crearam as impertinencias de baixo. Ao *Dia* e á *Nação* deve a Republica, na sua maior parte, o isolamento que a asphixia, e cava sob o soclo da sua estatua o inevitavel fim.

O *Dia* fez a conquista da opinião *liberal*: a *Nação* afervorou a opinião *reaccionaria* — para nos servirmos de termos vulgarizados. A Republica conta hoje a seu lado, apenas, os soldados que possuia em 5 d'outubro (e nem todos) aos quaes a escorrecencia dos pusillanimes, dos commodistas, se foi juntar... por medo.

Na eira politica, Moreira d'Almeida e Franco Monteiro malham alternos, imperturbaveis, como velhos guerrilheiros que não deixam um palmo de terra ao adversario.

Qual o effeito final dos seus esforços, não nos cabe determinalo. Por emquanto, a situação dos dois contendores é a que acabamos de vêr. Não nos lancemos em temerarios juizos, que, no dizer de Camillo, são muitas vezes ança para grandes culpas.

Sejam quaes forem as consequencias, nós, como o pretor de Tiberio, lavamos d'ahi as nossas mãos...

F. V.

Fra Angelico



DEBAIXO de um certo aspecto, eu não conheço nada na arte comparavel a este homem. Fra Angelico!

Houve quem tivesse mais energia como Miguel Angelo, mais graça nos rostos como Corregio, mais mimo como Perugino, mais idealidade na forma como Raphael, mais poesia como Leonardo de Vinci, mais colorido como Ticiano; mesmo n'aquelles seus contemporaneos, mesmo ainda no tempo em que a pintura era tudo interior e não mirava senão á expressão, havia Signorelo, os irmãos Lorenzetti, um Arcagna, um Giovanni Bellini. Mas ninguem, nunca ninguem no grande campo da arte, egualou Fra Angelico pela sua sinceridade, pela sua doçura, pela suavidade da figura, pelo mysticismo, pela crença ardente que animava todos os seus frescos, todos os seus quadros; nem Botticeli nem Frei Filippo Lippi em Florença, nem Menici em Siena, nem Verrochio na Lombardia, nem Durer na Allemanha, nem os Van Eyck e Neuling nos Paizes Baixos nem depois Murillo em Hespanha, nenhum, apesar dos seus sentimentos religiosos e da sua crença viva, chegou áquella suavidade, áquella especie de voluptuosidade mystica de Fra Angelico!

Vivendo retirado do mundo, mettido na sua cela do convento de S. Marcos, vestido do seu habi-



to dominicano, este homem extraordinario conseguiu criar uma obra artistica que passa por cima de todos os seculos e que será immortal, porque foi a mais sincera de todas, porque foi unica entre todas.

A Raphael oppozeram-lhe rivales, em vida Sebastiano del Piombo, depois o Garofalo em Ferrara, Alonço Cano em Hespanha, o proprio Raphael Mengr na Allemanha; A Miguel Angelo oppõem-se-lhe Donatelo como esculptor, Bramante como architecto e muitos mais como pintor. Ha quem se haja sempre levantado contra a divinisação de certos pintores, contra Rubens e contra Velasquez, contra Raphael e contra Ticiano, contra Corregio e contra Leonardo de Vinci; todos teem tido os seus maldizentes, os seus denegridores desde Chimache até Goya. — Ha um porém, deante do qual todos os artistas se curvam, todos os homens de gosto admiram e que todos os que amam a arte veneram—este homem é Fra Angelico.

Nunca, por nunca ser, se levantou um critico de nome a ridicularisal-o, nem mesmo o positivista Taine, nem mesmo o atrevido Stendhal! E' que cada obra de arte se salienta sobretudo por um ca-

naturalismo mais franco que o de Velasquez, uma fuga mais franca que a do Tintoretto e a de Goya, um realismo mais profundo que o de Rembrant ou o de Caravaggio, mas não se concebe um mysticismo mais doce, mais suave, mais sobrenatural do que o de Fra Angelico.

Fra Angelico punha-se de joelhos para pintar as suas madonas e chorava deante dos seus Christos; elle não corrigia nunca as suas obras, certo, como elle dizia, que era Deus que guiava a sua mão. Taine fez bem em comparal-o com uma flôr vivendo dentro d'uma estufa, separada do contagio exterior. Elle foi o pintor mais crente e mais sincero de todos. Certamente nas suas figuras ha ainda muitos defeitos, nas suas formas por vezes uma certa sequidão, nos seus movimentos, pouca largueza, mas ninguem o imita na doçura dos rostos, na bondade da expressão, na sublimidade do seu mysticismo, no sonho celeste de todas as suas pinturas. O beato Angelico não foi, porém, só um pintor de madonas. Quem não conhece ou quem não ouviu fallar, pelo menos, da capella de Nicolau V do Vaticano, do *Juizo Final* do museu Belle Noti de Flo-



BRAGA—Escola de repetição. O regresso do regimento de infantaria 8

(Cliché de João J. de Souza Guimarães).

acter e o caracter que se salienta nas obras de Fra Angelico é enorme, ninguem lhe pode passar além. Concebe-se um colorido mais fino que o de Ticiano ou de Murillo, uma fórmula mais ideal que a de Raphael ou a do Savona, uma acção mais dramatica que é a de Carracci ou a de Dominichino, uma graça mais fina que a de Corregio e a de Boticelli, um

rença, d'aquelles anjos, unicos na arte, com que elle circumdava as suas Madonas, e da *Crucifixão* do Convento de S. Marcos de Florença?

Na patria da pintura de Madona, Fra Angelico não occupa o logar proeminente de Raphael; no entanto uma grande parte das suas obras foram consagradas á glorificação da Virgem, bastando-nos



citar por isso a *Coroação da Virgem* do museu do Louvre, a idealissima *Coroação da Virgem*, uma das obras primas do museu do Uffiz de Florença. Também Fra Angelico como os principaes primitivos italianos, de Cimabue, não primava pela pintura da Madona, em ponto grande por assim dizer. No grande tabernaculo do museu do Uffizio em Florença póde dizer-se que das cinco grandes figuras que o compõem a Virgem é a peor; o contraste entre a Virgem, de tamanho natural, e aquelles anjos divinos, conhecidos de todos, que a cercam, prova como Fra Angelico, como os primitivos flamengos, era sobretudo artista quando pintava pequeninas figuras. Os seus mais bellos typos de Madona são os da *Coroação da Virgem* do museu do Uffizio de Florença, a *Madona della Stella* do convento de S. Marcos da mesma cidade, a bellissima Virgem, expressão de bondade e doçura do grande *Juizo Final* da Academia das Bellas Artes.

ALFREDO SERRANO.

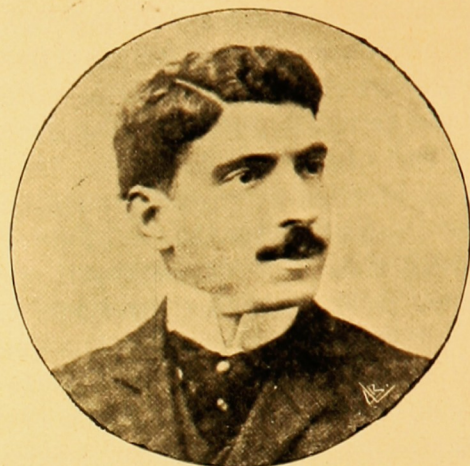
Em um exame de dentistas:

— A dentição humana comprehende os primeiros dentes, ou dentes de leite, depois os incisivos, os caninos, os molares...

Tenha a bondade de me dizer: que dentes veem em ultimo logar?

O examinando, depois de reflexionar:

Os dentes postiços.



Alfredo Serrano

Passou no dia 17 do corrente o anniversario da morte d'este illustre escriptor.

Alfredo Serrano foi um critico d'Arte muito erudito e um catholico que honrou a sua crença. Damos hoje aos leitores um admiravel estudo seu, ainda inedito, sobre Fra Angelico. Brevemente serão publicados pela casa editora Magalhães & Moniz as suas "Questões d'Arte," e em seguida as suas "Conferencias sobre o mal da Renascença," "Rembrandt e a sua obra," a "Pintura Hollandeza," com alguns magnificos estudos sobre o Pangermanismo, os Judeus, etc.



VIANNA DO CASTELLO — Ornamentação da Praça da Republica

(Cliché do snr. Roberto d'Espregueira Mendes).



Nossa Senhora do Porto d'Ave



Na freguezia de S. Miguel de Tahide, a poucas dezenas de metros da margem direita do poetico Ave e a 5 kilometros de distancia da Povia de Lanhoso, séde do concelho, encontra-se o bello Sanctuario de Nossa Senhora do Porto d'Ave, o primeiro do Minho em valor topographico como artistico, depois do Bom Jesus de Braga.

Data a sua origem dos meados do seculo XVIII com uma capellinha cita no local onde actualmente se encontra o passo do nascimento da Virgem, e para onde fôra transportada a milagrosa imagem por um devoto professor de aquelle tempo, que particularmente a venerava na sua escola depois de ter impedido que como inutil a enterrassem.

Attrahidos pelos prodigios e sobre tudo pela milagrosa ascensão da modesta imagem em uma noite, como rezam os archivos do Sanctuario, em breve a concurrencia do povo alli se tornou grande, e pedindo lenitivo para os seus grandes males com aquella fé innocente e pura, caracteristico das almas limpidas, deixavam em troco o obulo da esmola.

Estas augmentaram e com ellas se iniciou e foi proseguindo a construcção do Sanctuario que hoje admiramos nas encostas da collina, como a debruçar-se langoroso e a espelhar-se nitido nas aguas crystalinas do rio que lhe passa aos pés.

Uma sumptuosa igreja ergue-se mesmo no sopé do outeiro, e a cortar-lhe as vertentes em linhas de regularidade e symetria, bem talhados escadorios ligam terreiros arborisados, lindos jardins de flores e lá no alto em zig-zag as simples mas esbeltas capellinhas que representam os passos da Virgem Santa. A arte não é de todo estranha a este conjuncto, encontrando-se com frequencia formosos rendilhados e arabescos, lindos lavrados em granito, e, encimando piastras circulares, estatuas de pedra d'uma regularidade e perfeições admiraveis.

Mas a belleza da paisagem, o panorama que d'alli se desfructa!.. E' um d'esses pedaços do Minho ante cuja contemplação a alma do sentimentalista se sente alfim transportada á realisacção do sonho.

Tive sempre especial predilecção pela belleza rude da natureza, e por isso me perco muitas vezes na contemplação estatica de, como, estes grandes quadros—qual o poeta que só idealisa amores na fonte das cachoeiras, nas vélas brancas das canoas, ou ao longe, como azas de espuma, no horisonte do indefinida. E' que o painel que d'alli se descortina parece mais a forma indecisa d'um sonho de phantasia que a correcção dos traços d'uma scena real e palpavel. Campos de verdura succedem-se em frente ao Sanctuario quasi a perder de vista, e ao meio o rio em caprichosos e phantasticos arabescos, parece uma serpente immensa reflectindo ao sol do meio dia a sua escamosa superficie.

Como é linda, docemente linda, a belleza campestre, a paysagem n'um requebro langoroso a nu-



POVOA DE LANHOSO—Sanctuario de N. Senhora do Porto d'Ave



blar-se em aromas como as estrellas limpidas nos vapores da noite!

Como é bello ir contemplar alli o sol nascente a doirar as campinas, ir aspirar á tarde o perfume da briza, ouvir o bulicio das folhas, sobre tudo vêr o sol reclinar-se no poente. Ah!... só a contemplação d'este ultimo quadro merecia uma visita ao Sanctuario !

O rio é como um traço de fogo, as nuvens semelhando castellos da legenda agrupam-se lá ao fundo, e os ultimos raios do astro rei, doiram ainda as grimpas das ultimas capellas. Desappareceram... E' a hora do crepusculo...



Uma das capellas dos passos da Virgem

(Clichés de F. Brito).

Na igreja o sino toca! ás Ave-Marias... E' essa hora tão melancolica, que tanto se harmonisa com o coração que ama, essa hora que Garrett cantou em versos maviosos, e que em outros tão sentidos descreveu o sceptico poeta que teve Albion por ber e Missolonghi por tumulo

*Avé-Maria! This the hour of prayer!
Avé-Maria! This the hour of love.*

F. BRITO.

Fastos do Catholicismo

Jesus Christo glorificado na Republica Brasileira

Em Bello Horizonte realisou-se ha pouco a solemne reposição da imagem de Nosso Senhor no palacio da justiça e sala do tribunal. Da matriz de S. José foi a imagem conduzida processionalmente ao publico edificio, no meio das exclamações do povo, por uma commissão de doutores em leis.

No adro da matriz celebrou-se missa campal, ouvida attentamente pela devota assistencia.

No palacio da justiça o rev. padre Julio Maia fez uma eloquente allocução á qual respondeu o meretissimo juiz com um discurso devotissimo.

Para celebrar o successo, realisaram-se á noite grandiosos festejos na cidade de Bello Horizonte.

Jesus Christo vae conquistando o Brazil que o nosso Portugal lhe deu e para Elle conquistou. Mas a nossa Patria permanecerá apostata do christianismo que foi a sua gloria no passado?

Em nossa mão está respondermos, porque a Patria será o que nós quizermos.

A Servia e o Vaticano

Com certa insistencia tem corrido mundo a noticia de uma approximação ao Vaticano feita pela Servia.

Uma commissão de diplomatas servios, diz-se, está disposta a ir a Roma para entabolar negociações concordatarias com o Santo Padre acerca das relações entre a Igreja e o Estado.

Tem difficultado a realisação d'este desejo os habitos servios, avido este paiz de ter a Igreja escravizada, segundo as tradições slavas.

Todavia parece que actualmente a Servia, n'uma melhor comprehensão

da necessidade politica d'agora está disposta a dar á Igreja uma verdadeira liberdade. Nem de outro modo o Vaticano aceitará uma concordata.

Os ruthenos no Canadá

A hierarchia catholica vae ter mais uma séde episcopal.

A Santa Sé acaba de crear o bispado rutheno do Canadá, para o serviço ecclesiastico dos povos d'essa raça que teem emigrado para o Norte da America.



Reunião de Jornalistas



A imprensa bracarense já ha muitos annos se não reunia, tão divorciados andavam os seus membros, mas esse interregno de indiferença terminou a semana finda com uma festa de confraternisação, alvitrada por Antonio Ribeiro, velho jornalista, mas sempre novo no talento, e carinhosamente accete por todos nós.

E para essa reunião tão intima e tão familiar, em que velhas dissensões deveriam desaparecer para dar logar a um vivo e forte espirito de classe, foi escolhido o secular cenobio de Tibães, sob cujas abobadas recitaram psalmos os freires de S.

passado, tambem nos enleva a alma e a transporta á majestatica pureza do Infinito !

Foi em Tibães que nos reunimos, e lá passamos horas do mais intimo convivio, recordando episodios de outr'ora, relembrando epochas de lucta jornalistica, fallando dos nossos mortos que foram gigantes, como dos que, embora humildes pigmeus, gastaram o melhor da sua vida n'este escabroso e por vezes difficil mister, para assim nos estreitarmos mais e nos unirmos n'um grande abraço de solidariedade inquebrantavel.

Mas alguma coisa mais era preciso fazer:—lançar os alicerces d'uma Associação de Jornalistas e Homens de Lettras, que fosse um baluarte seguro e irreductivel onde nos podessemos refugiar para a defeza legitima d'uma classe bem digna de maior respeito e de mais funda sympathia.



Os jornalistas bracarenses junto ao lago da cêrca de Tibães

Bento e por cuja cêrca esses mesmos freires se embeberam na contemplação profunda da obra maravilhosa de Deus, esculpida no roble gigante a cujo tronco musgoso soube agarrar-se a hera, no verde esmeralda do prado esmaltado de innocentes boninas e no gorgolear dolente da agua que cahia, n'um rythmo suave de mystica poesia.

E a cupula azulada do céu a cobrir essa cêrca, fazia-a um outro mundo bem differente d'aquelle em que fervilhavam talvez tantas intrigas e se espalhavam odios e malquerenças.

Mas ainda hoje lá se respira a mesma unção religiosa que o decorrer dos seculos não soube fazer desaparecer, porque se tudo alli nos falla do

E esses alicerces foram lançados, porque todos tinhamos a comprehensão nitida dos beneficios resultantes d'uma tal aggremação.

Unidos, sim, embora sigamos ideias e principios diametralmente oppostos, porque sendo obreiros da mesma vinha, a mesma ferramenta maneja-mos.

.....
Não ficou em Tibães, junto do grande lago em cuja margem nos brindamos, uma lapide commemorativa d'essa encantadora festa : — contentamo-nos em inscrever os nomes no livro dos visitantes do secular convento, gravando-os nós tambem aqui n'esta pagina da «Illustração», pagina que será mais



tarde um fragmento de historia, se bem que a nossa debil penna não possa dar-lhe o brilho que merece. Eil-os:

Antonio Ribeiro, Jacintho Fernandes, Pereira Villela, Ribeiro Braga, Baptista Ribeiro, Delfim Alves, Vicente Braga, Sá Pereira, José Miguel e Theotonio Gonçalves.

Os que faltaram por motivos imprevistos, comnosco estiveram em espirito: — a nós se uniram no mesmo abraço fraternal.

Foi em 4 de Setembro. Nenhum de nós esquecerá este dia...

12-IX-913.

VICENTE BRAGA.

Um padre



MAS, senhor abbade, observára a velha creada do padre Courbesol,—subir ao alto da serra por uma noite d'estas é caminhar de encontro á morte.

Ao que o moço padre singelamente respondera:

—O pobre Rougnac está agonizante, e o meu dever é levar-lhe, sem demora, os soccorros da religião. Traz-me o capote, Marianna.



Os jornalistas bracarenses nas escadas de S. Bento



Os jornalistas bracarenses á porta da igreja do antigo Convento



E apesar das supplicas da boa mulher, o padre Courbesol envergou o capote crestado pelo sol do verão e desbotado pelas chuvas do outomno; enrolou em volta do pescoço um lenço de lã preta, e, enterrando o chapéo até ás orelhas, partiu, levando junto do coração a hostia consagrada, penhor de resurreição e de vida... «*Ego sum resurrectio et vita...*»

Era uma noite medonha de inverno. Desencadeava-se uma d'aquellas tempestades de neve, cuja violencia desconhecem os habitantes das grandes cidades. Furor cego, surdo e mudo! Trevas brancas !!

Levando curvada a cabeça e hombros, disposto assim a resistir ás forças hostis da natureza, o padre Courbesol, como serrano que era, escalou com denodo aquella região granitica, arborisada e quasi deserta do Lozère, que corresponde ao antigo Gévuedan. Nevava... E o padre não era mais que

gado a parar de momento a momento. Uma cinta de gelo—ou de fogo—apertava-lhe a cabeça...

Marianna tinha talvez razão. Seria n'este caso o dever superior ás forças humanas? Era licito retroceder ao presbyterio? Mas o padre em si mesmo repelle logo este pensamento... Lá em cima, n'uma choupana miseravel, espera-o um moribundo para se reconciliar com Deus. Um ignorante, um jornalista, um d'estes pobres que Christo entre todos amou... «*Ego sum resurrectio et vita...*» Não lhe assiste o direito de privar o desgraçado dos efeitos da promessa divina. E o padre Courbesol, forte contra a tormenta, volta a galgar as veredas escarpadas. Attingirá o fim?

Emquanto lucha passo a passo contra a borrasca, ha com effeito n'uma misera choupana da serra, meio enterrada na neve, um coração exausto, cujas pulsações tardias e incertas são dominadas pela anciedade.

Durante muito tempo o tio Rougnac viveu acurvado sobre a terra, trabalhando brutalmente como um cavallo ou como um boi, sem se lembrar de que existe um Deus, senão para blasphemar o seu nome. Mas agora esmaga-o a angustia suprema. A' medida que o seu olhar se ennevôa, o seu espirito obscuro illumina-se...

Sim! Esqueceu-se de Deus, deixou-se influenciar pelos espiritos fortes das tabernas, mas... hoje vae morrer... E, lembrando-se das palavras de esperança e de vida, que lhe ensinaram na sua infancia, pediu um padre como os feridos imploram agua, e os naufragos soccorro!.. De vez em quando supplica á mulher que vá vêr lá fóra... o vento glacial, o vento mortal impellindo os flócos de neve penetra pelas fendas da porta... Mas ella nada vê, senão as



PORIO — Escolas de repetição

O general da 3.^a divisão snr. Riteiro assistindo á passagem das tropas para as manobras.

um ponto negro no meio d'este diluvio branco! O vento glacial, agreste, fustigava-o, arrojando-lhe os flócos ás faces.

Offegante, e sem poder continuar a ascensão via-se obri-



Artilharia 6 em marcha



trevas brancas da serra sem nenhuma luz, nem sombra, nem som!..

Então, entre o moribundo que luta com a morte e o padre que luta com os turbilhões de neve, estabelece-se uma especie de corrente magnetica... O desejo desesperado do primeiro não será também uma força, como que uma alavanca que vem fortalecer a intrepida caridade do sacerdote? Este, porém, vê-se forçado a parar de novo. O circulo de gelo confrange-lhe de cada vez mais a frente, e, como lamina mortifera, o frio penetra-lhe no coração.

De novo o invade a fraqueza humana. Pensa na mãe e na irmã, pobres mulheres que n'elle con-

ções dos seus pares, emballadas com rythmos voluptuosos e brilhantes...

Ha, nos theatros mulheres de olhos pintados com *kohl*, de labios coloridos de carmim, trajadas de vestidos phantasticos, que choram lagrimas fingidas, imitam gritos e soluços... e se esforçam por excitar os nervos das pessoas saciadas ou pervertidas, com dramas ficticios, cujo enredo se resume n'uma aventura de amor... Quando o verdadeiro drama, o unico, o que prevalece sobre todas as declamações e comedias sociaes, se representa n'aquelle corpo miseravel sacudido pelos espasmos da agonia:—uma alma ignorante e culpada... em presença do seu juiz!... Moribundos ha também

nas cidades a esta mesma hora, mas moribundos felizes, a cuja cabeceira em plena noite, basta o timbre de uma campanha para ser chamado o ministro das misericordias divinas. Mas ai! Ha também homens no goso da melhor saude, que a sympathia ou a cegueira popular, tornaram grandes, e passam dias trabalhosos combinando planos para que os homens se



centram o seu piedoso orgulho, e de quem é o unico arrimo n'este mundo! Dentro em pouco tinham projectado vir viver com elle. E a tentação torna-se ainda mais insidiosa. E' novo, tem um coração ardente de zelo e uma longa serie de obras a iniciar. Mas que importa? logo responde a si mesmo. A obra que esta noite tem que cumprir é levar o viatico ao velho moribundo, e salvar aquella alma ainda á custa da sua vida terrena.

Que receia? «*Ego sum resurrectio et vita...*» Não abriga porventura no seu peito o proprio Verbo, auctor d'esta formal promessa?

E o humilde abbade de Lozère prosegue a sua marcha, offegante e transido.

— Meu Deus! fezei com que eu não morra no caminho!..

— Não vês nada, mulher, não ouves nada? balbucia lá no alto da serra o moribundo, enquanto que em redor d'estas angustias e de tantos esforços supremos para retardar a morte, se desencadeia todo o horror invernal e nocturno das montanhas.

E ao passo que n'aquelle local ermo e pavoroso se desenrola este drama mudo e sobrehumano, ha nas cidades salões sumptuosos, onde raparigas e mulheres ricamente ataviadas deslisam nos bra-



PORTO—Os regimentos de infantaria 6 e 31 seguindo para os exercicios

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «H. Cath.»)

encontrem sós, nós e desprotegidos em frente do mysterio do Alem...

Ha sabios, ha philosophos que passam a vida inteira, a sua breve e árida vida, a escrever livros compactos, para demonstrarem que a alma immorttal não existe, e que se esforçam por arrancar do misero coração humano, triturado pela vida, toda a crença, toda a esperança... acumulando provas d'esse nada ou inventando-as, se tanto julgam necessario. E comtudo homens ha d'este caracter, que um dia, esmagados por aquillo a que elles proprios chamaram o *Desconhecido*, havendo perdido as garantias, que até então lhes devam os seus solidos pulmões, os seus estomagos satisfi-



tos, as suas pulsações bem rythmadas, sentem necessidade de vê fluctuar sobre si a sombra refrigerante de um habito religioso, de ouvir palavras de vida, depois de terem arremessado tantos outros para as podridões da morte!

Mas não! Nada existe agora senão a branca tempestade da serra... e aquellas duas almas, que se chamam uma á outra...

— Meu Deus! Chegarei lá acima?

E o padre Courbesol parece que só respira lufadas de fogo.

Ha sem duvida n'este momento, nos conventos dispersos pelo mundo fóra, mulheres de coração puro, que rezam pela salvação dos peccadores...

Talvez tambem suba alguma prece isolada para o ceu... «Coração agonisante de Jesus, tende compaixão dos moribundos...»

A tempestade de neve parece diminuir de intensidade... Emfim!... Emfim!... Uma frouxa claridade atravessa o nevoeiro esbranquiçado.

O padre attinge o fim, readquire forças... Atorreado e transido entra em casa do moribundo.

E pouco depois a alvura unica ou antes luminosa da hostia consagrada eleva-se e parece palpitante entre os seus dedos tremulos... «*Ego sum resurrectio et vita...*»

*

Alguns dias depois os jornaes, ditos clericas, annunciavam n'uma breve noticia sob esta epigraphe «Um padre victima do dever» a morte do moço padre Courbesol que, tendo conseguido regressar ao presbyterio, ficára logo de cama, fulminado por uma congestão pulmonar.

Traducção de

GRAZIELLA.



Sol poente e sol nascente

□□□□

*H*ouve tempo em que tu me desejaste
E o teu olhar ingênuo me seguia
Como se eu fóra o sol e tu a haste
D'um helianto, erguido á luz do dia.

*Eu fiz-me n'esse tempo desdenhoso,
Não quiz ouvir a supplica eloquente
Que o teu limpido olhar, caricioso,
Fez ao meu coração de adolescente.*

*Mudámos, ambos. Hoje, és tu senhora;
E eu escravo, submisso e soffredor;
Eu desprezei o teu romper d'aurora
E tu desprezas hoje, o meu sol pôr...*

ALBERTO DINIZ DA FONSECA.



NA PRAIA DA AGUDA

Romaria da Senhora de Nazareth

N'um dos ultimos domingos realizou-se na pittoresca e encantadora praia da Aguda a importante romaria da Senhora de Nazareth que este anno, devido á amenidade do tempo, teve uma concorrência extraordinaria de forasteiros, principalmente do Porto e seus arredores.

Todos os numeros do annunciado programma foram cuidadosamente executados sobresahindo a parte religiosa que foi revestida do maximo esplendor.

A assistencia de fieis foi consideravel, constituindo isso uma eloquente manifestação da muita religiosidade do nosso bom povo.



Como ellas vão para a festa





Na praia d'Aguda — A romaria da Senhora de Nazareth
A capella onde se realisou a festividade religiosa que foi enormemente concorrida



Um aspecto do arraial na festa da Senhora de Nazareth

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



ESPINHO. Torneio de tiro aos pombos



Um aspecto da assistencia



Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



O CONSORCIO BRAGANÇA-HOHENZOLLERN

No dia 4 do corrente mez celebrou-se, no castello principesco de Sigmarigen, o casamento do Senhor D. Manuel II de Portugal, com a serenissima princeza de Hohenzollern-Sigmarigen D. Augusta Victoria.

A cerimonia do casamento foi celebrada na igreja do castello que estava esplendida e artisticamente ornamentada, officiado n'ella o Em.^{mo} D.

José, Cardeal Netto, patriarcha resignatario de Lisboa, cujas riquissimas vestes de Principe da Igreja despertaram nos habitantes do principado curiosa attenção. O Em.^{mo} Cardeal fôra quem baptisara e dera a Primeira Communhão ao infante D. Manuel, em Lisboa.

O Rev.^{mo} Bispo D. Beuron, abbade de Einsiedeln proferiu uma tocante allocução aos regios consortes.

Foram padrinhos, por parte do Senhor D. Manuel, seu tio D. Affonso de Bragança e D. Carlos de Bourbon, de Hespanha; e por parte da serenissima princeza D. Augusta, o principe de Galles, de Inglaterra, e o infante Augusto Guilherme, filho do imperador da Allemanha.

A familia Hohenzollern e o Senhor D. Manuel tinham nos dias precedentes recebido na estação os seus numerosos convidados, da maior fidalguia europeia, estando representadas nas festas do casamento as principaes casas reinantes da

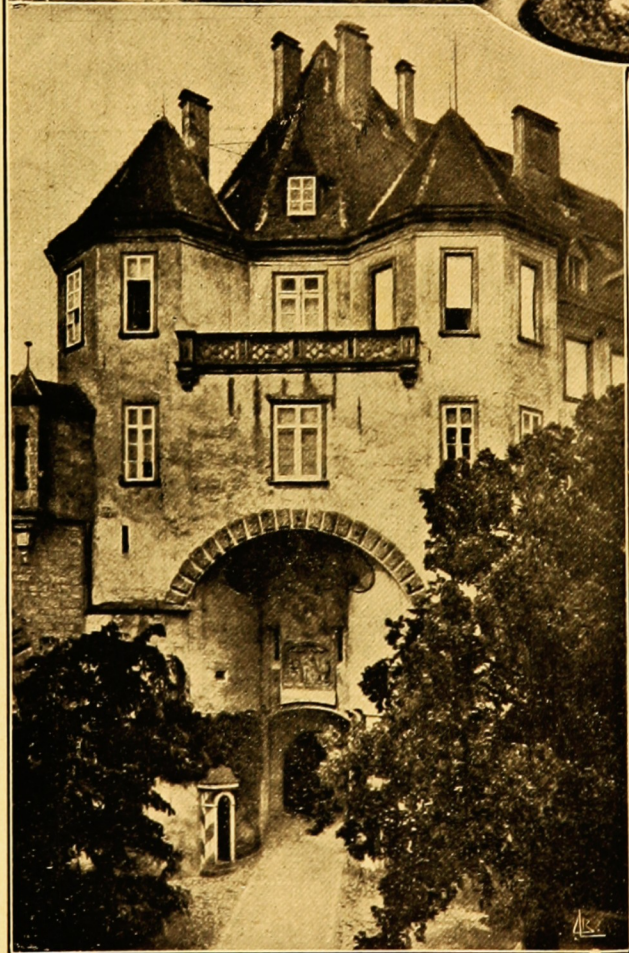
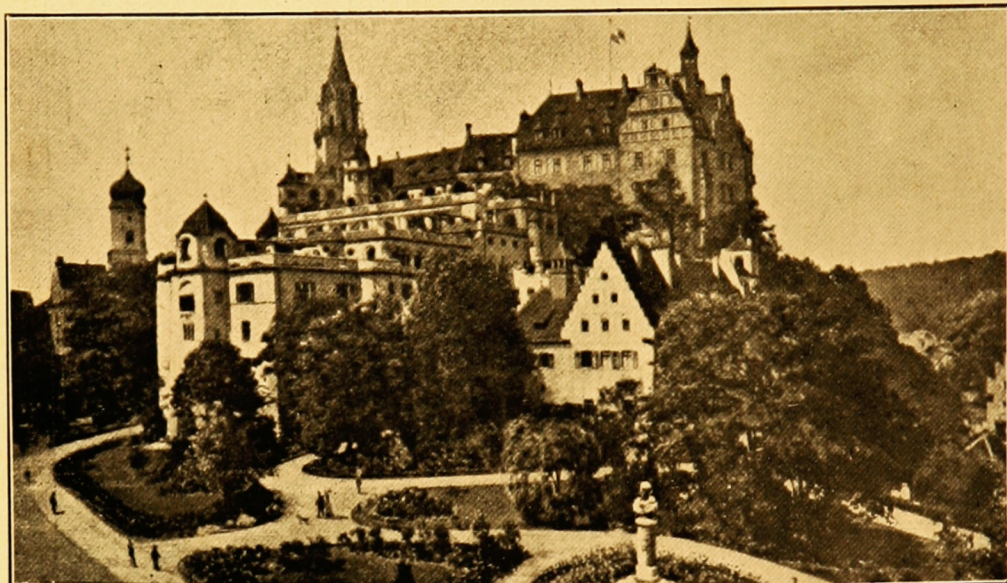
Europa.

No banquete de festa, em que tomaram parte vinte principes e princezas e 74 aristocraticos convivas, o principe Guilherme de Hohenzollern Sigmarigen proferiu a seguinte allocução:

«Minha querida filha, acabas de celebrar por toda a vida a união que o teu coração desejou e vais abandonar a casa paterna para seguir teu marido. Comtigo sahe o sol d'este palacio e, se formulo hoje os mais ardentes e mais intimos votos de felicidade, não é sem reconhecimento por tudo quanto fostes para mim, por tudo quanto me destes na tua infantil confiança e no teu fiel amor. A partir de hoje, pertences para sempre a teu marido. Sê para elle um auxilio, um apoio, a companheira das suas alegrias e das suas dôres, prestando-vos risonha a todos os sacrificios. Sêde a sua felicidade e o seu raio de sol, tanto nos dias sombrios como nos bons dias.

Meu querido Manuel, levas para casa tua joven esposa, que alegremente te seguirá para toda a parte onde a queiras levar. Esta união que sómente desperta nos vossos corações uma radiosa esperanza, impõe-te tambem serios e graves deveres. Sêde-lhe na vida guia e meta. Sêde tambem o homem para quem ella levantará os olhos com venturoso orgulho. Pela terceira vez, em menos de cincoenta annos, as illustres e antigas casas de Portugal e de Hohenzollern unem os seus destinos. Que d'ahi resultem muitas bençãos. Aos nossos votos juntam-se as orações dos que o throno de Deus esclarece, de tua querida mãe, da minha querida filha, de teu querido pae, meu bom Manuel, e é do alto que elles vos abençoam. Uma palavra mais, um derradeiro voto; praticae na vossa casa, a divisa da minha familia, «Nihil sine Deo», e que todos os anhelos se reunam n'um unico grito: Vivam os jovens esposos, sua magestade o rei D. Manuel e sua magestade a rainha Victoria!»

Foram numerosos os portuguezes que assistiram ao casamento, com suas fardas e condecorações. A senhora D. Amelia de Orleans-Bragança era acompanhada pela sr.^a D. Izabel Saldanha da Gama, e condes de Figueiró. O Senhor D. Manuel tinha como camaristas os srs. marquezes do Fayal, Lavradio e visconde de Asseca.



O castello de Sigmarigen

onde se realisou o casamento do Senhor D. Manuel de Bragança





Os Noivos, seus augustos Paes, principes e outros convidados, no parque de Sigmaringen



Grupo tirado no parque do castello de Sigmarigen.— Os augustos noivos, a senhora D. Amelia de Bragança e o principe Guilherme de Hohenzollern com outros principes

(Clichés do sr. W. Niederaastroth da firma Selle & Huntse, de Potsdam, phot. das casas reaes e imperiaes allemãs, enviados directamente á «Ill. Cath.»)



LOURDES—D. Sebastião de Vasconcellos, venerando Bispo de Beja, rodeado d'um grupo de portuguezes

(Cliché do phot. Ferdinand Viron).

